



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## PERCEPÇÃO DO FISIOTERAPEUTA SOBRE A MORTE DO PACIENTE NO CONTEXTO HOSPITALAR

<sup>1,\*</sup>OLIVEIRA, Lucineia Brito de, <sup>2</sup>SANTOS, Karine Barbosa dos, <sup>3</sup>PINHEIRO, Lívia Mara Gomes, <sup>4</sup>ANDRADE, AdnaGorette Ferreira, <sup>5</sup>CARACAS, Danilo Rocha Santos, <sup>6</sup>SPÓSITO, Auriceia Ferreira Souto and <sup>7</sup>FACCHINETTI, Juliana Braga

<sup>1</sup>Rua São Cristóvão, N 436, Bairro Campinhos – 45000-000, Vitória da Conquista – Brasil

<sup>2</sup>Rua Santos Dumont, N 206, Centro - 45000-015, Vitoria da Conquista – Brasil

<sup>3</sup>Rua Clarice Lispector, N 6, Bairro Boa Vista - 45026-042, Vitória da Conquista – Brasil

<sup>4</sup>Av. Fernando Spínola, N 550, Bairro São Vicente, Vitória da Conquista – Brasil

<sup>5</sup>Av. Yolando Fonseca, N 18, Bairro Jurema – 45260-000, Poções-Ba, Brasil

<sup>6</sup>Av. Luiz Eduardo Magalhães, N 1000, Bairro Candeias - Vitória da Conquista – Brasil

<sup>7</sup>Av. Luís Eduardo Magalhães, N 1305, Bairro Candeias -Vitória da Conquista – Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 03<sup>rd</sup> April, 2019

Received in revised form

16<sup>th</sup> May, 2019

Accepted 10<sup>th</sup> June, 2019

Published online 28<sup>th</sup> July, 2019

#### Key Words:

Fisioterapia, Morte, Internação Hospitalar.

#### \*Corresponding author:

OLIVEIRA, Lucineia Brito de

### ABSTRACT

Ao viver a experiência da morte de pessoas ou entes queridos, as pessoas podem ter diferentes reações e modificações em suas vidas, essas modificações podem estar relacionadas umas com as outras, e podem apresentar consequências físicas e no âmbito afetivo, profissional, financeiro, social e acadêmica, na vida do indivíduo. Neste contexto, este estudo possui como objetivo geral avaliar e levar os fisioterapeutas a uma reflexão de como é o enfrentamento diante da morte do paciente hospitalizado e como objetivo específico analisar o significado da morte para os fisioterapeutas; possibilitar um momento de reflexão sobre a morte do paciente com olhar do fisioterapeuta; perceber a relação da morte de pacientes hospitalizados e do estado psicológico dos fisioterapeutas. Metodologia: trata-se de um estudo exploratório e de abordagem qualitativa. Os resultados mostraram que a percepção do fisioterapeuta sobre a morte está intimamente ligada com suas crenças e valores pessoais, que a morte é vista como uma passagem ou fim e que afetam as práticas pessoais e profissionais, colocando a necessidade de discutir o significado da morte dentro do contexto hospitalar e na formação acadêmica.

Copyright © 2019, OLIVEIRA, Lucineia Brito de et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: OLIVEIRA, Lucineia Brito de, SANTOS, Karine Barbosa dos, PINHEIRO, Lívia Mara Gomes et al., 2019. "Percepção do fisioterapeuta sobre a morte do paciente no contexto hospitalar", *International Journal of Development Research*, 09, (07), 28694-28697.

### INTRODUCTION

O termo morte tem origem nas palavra em latim *mortem*, é caracterizado com a cessação da vida e possui manifestação pela extinção das atividades, ou seja, a morte significa deixar de existir, é um sono sem sonhos, hoje em dia a morte ainda está sendo um dos assuntos pouco estudado segundo alguns autores principalmente sobre o ponto de vista das dificuldades encontradas relacionadas perante as reações do próprio homem e o fenômeno da morte (OLIVEIRA, 2014). Ao viver a experiência da morte de pessoas ou entes queridos, as pessoas podem ter diferentes reações e modificações em suas vidas, essas modificações podem estar relacionadas umas com as outras, e podem apresentar consequências físicas e no âmbito afetivo, profissional, financeiro, social e acadêmica, na vida do indivíduo (ARAÚJO; MIZUNO, 2015). No decorrer da sua vida acadêmica, os futuros profissionais de saúde ao mesmo

tempo que ocorre o desenvolvimento e vão adquirindo os conhecimentos necessários para os cuidados na vida humana, eles vão assumindo o compromisso perante essas vidas, para se conservar estas que estes são capacitados, a formação acadêmica possui sua essência baseada no processo curativo, o desespero se faz presente, quando ao se lidar com o processo de morte, acaba sendo um momento de fragmentação onde se deparam com angústia e isolamento pessoal como uma forma de se afastarem em instantes dessas situações que apesar de desconfortante, faz parte da sua vida como profissional e de sua essência. Surge-se ideia imprecisa de onipotência em relação a sua existência da cura se a morte faz parte de um processo inevitável (MARQUES *et al.*, 2006). Por isso, faz necessário a implantação de um espaço terapêutico onde possa ser trabalhado sobre essa temática entre os profissionais de saúde com enfoque nos de Fisioterapia, para que seja desenvolvido uma melhor convivência perante a questão e suas implicações na prática profissional. O presente estudo

fundamenta em pesquisar as experiências frente a morte que praticamente se resume no término do paciente, em profissionais de Fisioterapia e se essas experiências levam a uma modificação em suas formas de agir, com consequências em sua vida profissional (ARAÚJO; MIZUNO, 2015). Lidar com pacientes que estejam em fase terminal ou passando por tratamento que gere dependência e/ou risco de incapacidade funcional, é um fator gerador de estresse que contribui gerando uma dificuldade na atuação do profissional da área de saúde (FREITAS; OLIVEIRA, 2010). Os comportamentos e emoções, aos quais o profissional vivencia no cuidado com pacientes e o vínculo com estes, pode provocar uma série de perturbações, stress ocupacional e adquirir comportamentos autodestrutivos. O ambiente de trabalho torna um campo em que se evita o tempo todo o contato com suas emoções e afasta defensivamente a toda e qualquer demonstração de emoção do paciente (RABELO, 2006). Diante deste contexto, torna-se importante a realização do estudo, buscando compreender melhor a visão que os fisioterapeutas possuem em relação ao processo de morte podendo contribuir para uma análise de como está o lado psicológico desses profissionais e principalmente se pode haver algum comprometimento tanto no desenvolvimento profissional, quanto na sua vida pessoal.

Este artigo traz como questão norteadora a seguinte pergunta:

Qual a percepção do fisioterapeuta diante da morte de seu paciente em ambiente hospitalar? Como objetivo geral: Avaliar e levar os fisioterapeutas a uma reflexão de como é o enfrentamento diante da morte do paciente hospitalizado, e como objetivos específicos: Analisar o significado da morte para os fisioterapeutas; Possibilitar um momento de reflexão sobre a morte do paciente com olhar do fisioterapeuta; Perceber a relação da morte de pacientes hospitalizados e do estado psicológico dos fisioterapeutas.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e de abordagem qualitativa, esta foi criada como um estudo de comparação à concepção positivista de ciência, cujo foco são os fatos ou causas dos fenômenos sociais, devotando pouca consideração pelos estados subjetivos individuais (AUGUSTO *et al.*, 2013). A pesquisa teve aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa a FAINOR sob o Parecer substanciado nº 3. 167. 268. Os fisioterapeutas que aceitaram participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE onde trazia informações referentes aos objetivos da pesquisa e outras informações importantes de modo a refletir sobre o tema e responder de forma justa e sem constrangimentos sobre sua participação em uma pesquisa. Sendo respeitada a dignidade humana e proteção devida dos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos de acordo com a Lei 466/12. A pesquisa foi realizada em um hospital que realiza procedimentos de alta complexidade, e que presta atendimento a pacientes na urgência emergência. São procedimentos cirúrgicos, ambulatoriais e internamentos, onde visa o cuidado preciso e seguro para seus atendidos. Localizado no município de Vitória da Conquista - BA, cidade que de acordo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), é constituído por 348.1718 habitantes, sendo a terceira maior cidade do estado da Bahia e quarta do interior do Nordeste. A amostra foi composta por dez (10), fisioterapeutas cadastrados no CREFITO – Conselho Regional de Fisioterapia, como critério de inclusão os profissionais que já trabalham há um

ano ou mais na unidade e como critério de exclusão, fisioterapeutas que estavam de licença maternidade ou por motivos de saúde, que não estavam no momento da coleta de dados e que trabalham a menos de um ano no hospital. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado sociodemográfico e ocupacional contendo questões abertas relacionadas a idade; sexo; seu tempo de formação; tempo de atuação; e perguntas pertinentes ao seu conhecimento e percepção sobre a morte e como lidar com a mesma frente aos pacientes que dispensaram cuidados de fisioterapia na unidade hospitalar. Os dados obtidos na aplicação dos questionários foram analisados qualitativamente a luz de um referencial teórico pré-estabelecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados utilizados para a análise foram coletados através de entrevistas abertas que tiveram como pergunta inicial “O que você acha e pensa sobre a morte?”. Utilizando-se desse questionamento gerador, realizou-se outras perguntas específicas relacionadas, entre outras coisas, como cada fisioterapeuta lida com a morte ou como o fato de lidar com morte afeta a vida profissional, com o objetivo de avaliar e levar os fisioterapeutas a uma reflexão de como é o enfrentamento diante da morte do paciente hospitalizado. Assim sendo, partiu-se primeiramente da leitura das entrevistas e do trata a literatura para criar Temáticas centrais e categorias de análise submetidas ao objetivo da pesquisa, bem como foi preservada na íntegra a fala e as colocações dos sujeitos. As Temáticas selecionadas dizem respeito aos impactos da morte do paciente hospitalizado. As categorias selecionadas foram: Significados da morte; a morte do paciente e o estado psicológico do fisioterapeuta, que serão discutidas a seguir.

## SIGNIFICADOS DA MORTE

Quando considera-se os aspectos naturais, a morte faz parte do ciclo da vida, é um fato (VIEIRA, 2009). Mas levando em consideração as relações sociais e seus respectivos contextos históricos, a morte pode ter mais de um significado e o tem. Entre os profissionais entrevistados, pode-se destacar um duplo aspecto, o de fim/término ou o de passagem/continuação.

F1 “O fim de um ciclo e o início de outro”,

F4 “O final da jornada”.

Socialmente falando, em geral na cultura ocidental contemporânea, segundo Marques *et al.* (2006), a morte deixa ser natural e passa ser uma tragédia. Para os autores, os profissionais de saúde como os fisioterapeutas, em sua relação com a morte, não pode-se deixar de levar em consideração os vários significados que esta tem fora da prática médica. Os seres humanos, como indivíduos sociais, carregados de Idiosincrasias, e por mais que a ciência pregue uma pseudoneutralidade, carregam estes diversos significados para o ambiente do trabalho. Ao serem perguntados sobre o que pensam e acham sobre a morte, estas particularidades se revelaram nas seguintes falas:

F1 “[...]Estamos nesse mundo com o intuito de evoluir habitando um corpo material[...]”, dando o sentido de transcendência, de outros mundos;

F4 – “Penso que se trata do fim de um ciclo inevitável [...]”, dando a ideia de ciclo;

F7 “É o fim do ciclo natural da vida.”, *finitude de um ciclo, ligado a algo natural;*

F9 “Uma situação natural do ser humano.”;

F5 e F6, um fato inevitável sucessivamente “É algo inevitável.”, “Algo inevitável.”.

A espiritualidade é uma relação social que não deve ser ignorada. Muito da concepção Ocidental sobre a morte esta arraigada no pensamento religioso como demonstra as entrevistas:

“[...] A morte caracteriza o fim no corpo físico e o início de nossa vida espiritual” F1.

“A morte é o fim de todas as atividades vitais **aqui na terra**”

F2 (grifo nosso). Perspectiva que se percebe na pergunta 7 das entrevistas “defina morte com uma frase”:

“O fim de um ciclo e o início de outro” F1.

“Passagem. Apenas transferência de um mundo físico para um mundo espiritual.” F7.

A característica de finitude, fim, como algo inevitável e recorrente. Ou encarada com naturalidade. Algumas definições sobre a morte extrapolam a simples perspectiva naturalista de Fim, ou remetem a questões mais profundas como a definição da morte ser de paz, relacionando-a ao sofrimento durante a vida, ou como momento de “Tristeza”, lembrando o apego que a sociedade atual tem à vida.

F2 “Morte é o fim da vida humana.”.

F4 “O final da jornada.”

F5 “Paz”

F8 “Tristeza”

F10 “Consequência”

Nesse sentindo, percebe-se a influência não só do convívio social, do conhecimento científico, mas um grande peso da religiosidade na percepção que os profissionais em fisioterapia tem sobre a morte, corroborando com os estudos de Marques *et al.* (2006).

## A MORTE DO PACIENTE

Quanto ao enfrentamento do fisioterapeuta diante da morte do paciente hospitalizado, as entrevistas revelaram diversos aspectos. Estes aspectos variam desde empatia à impessoalidade (pregada pelo profissionalismo), onde sentimentos de dor, impotência e sofrimentos se misturam:

F1: “Doloroso em saber que se finalizou. Apesar de saber que fizemos tudo que estava no nosso alcance.”;

F2: “Por muitas vezes me senti apática, sensação de não poder fazer nada e tristeza profunda.”

F4: “Um pouco sentida pela família e muito reflexiva pela vida que chegou ao fim.”

F7: “[...]Me sinto normal. As vezes sentido quando perco um paciente querido, ou um jovem.”

F10: “Já presenciei senti pelo acontecido, porém minha profissão requer de mim uma análise mais prática. Por que a partir do momento que eu trazer para mim, eu tenho consciência que poderia mim prejudicar. Então existe um limite até no pensar.”

Algumas particularidades afetam mais o profissional que outras, como por exemplo a idade do paciente. Segundo

Marques *et al.* (2006), quando mais jovem o paciente que venha a óbito, mais afetado é o profissional:

F3: “Existem as mortes que consideramos as “esperadas” e aquelas não tão esperadas, não tão previsíveis, que nos levam a questionar, se poderia ter feito mais do que eu fiz etc. É sempre um momento difícil e de reflexão mesmo sabendo que fazemos de tudo que estava o nosso alcance.”

As entrevistas demonstram em sua maioria, que o discurso institucional da impessoalidade, ou de uma possível neutralidade, não se aplica nas relações humanas. Segundo Martins, Alves e Godoy (1999), quando tomamos consciência da nossa condição humana, percebemos que a dor e o sofrimento não são simplesmente sintomas e a morte somente óbito, mas sentimentos e acontecimentos que nos afetam e angustiam.

## O ESTADO PSICOLÓGICO DO FISIOTERAPEUTA

Para Marques *et al.* (2006), a morte na modernidade tem implicações de ordem totalmente diferente de outras sociedades. E apesar das particularidades, a morte se tornou um processo que acontece geralmente em instituições como os hospitais. Essa mudança implicou na mudança de local da morte, se antes as pessoas faleciam em casa e com seus parentes (não que isso não aconteça mais), a hospitalização “trouxe” a morte para o convívio do profissional de saúde, como o fisioterapeuta. São estes profissionais que vivenciam os momentos finais da pessoa, acarretando envolvimento emocional por mais que a profissionalização pregue o contrário, as entrevistas são reveladoras quanto a este aspecto, e ao serem perguntados “se fato de você trabalhar com a morte influencia em sua vida profissional e pessoal?” responderam:

F1: “Sim. Me torna a cada dia uma pessoa mais maduro e me abre os olhos pois estamos nessa vida de passagem.”; “Sobre essa tema não consigo diferenciar a vida profissional e pessoal”

F2: “Sim. Porque você se coloca o tempo todo diante da fragilidade humana.”

F3: “Sim. Existem as mortes que consideramos as “esperadas” e aquelas não tão esperadas, não tão previsíveis, que nos levam a questionar, se poderia ter feito mais do que eu fiz etc. É sempre um momento difícil e de reflexão mesmo sabendo que fazemos de tudo que estava o nosso alcance”; “- Há momentos que influencia. Nos leva a uma maior reflexão sobre a vida no contexto geral. Sobre nossos valores etc. [...]”;

F4: “Me torna a cada dia uma profissional mais humana e atenta aos cuidados que forneço.”; “Às vezes. Quando acompanho muito da trajetória daquela pessoa me faz reflexiva.”

F10 - Me coloco numa posição mais humana, imediatista, porque sei que hoje posso estar vivo e amanhã é outro dia. Então eu faço o meu melhor para que os meus pacientes sobrevivem.

Apesar da formação científica, os depoimentos demonstram o envolvimento emocional do profissional com a morte, e destacam a importância deste envolvimento como positiva, pois ajudam a criar empatia e levam a reflexão, levam o profissional a ser mais humano e melhorar na profissão. Ainda há aqueles que se utilizam da negação, travestida numa postura de “neutralidade”, para justificar a falta de relacionamento

com o paciente, e alguns responderam que a morte do paciente não influencia na sua vida:

F6; F7 e F9: “Não”.

## CONCLUSÃO

As entrevistas demonstram que os fisioterapeutas vivenciam a morte de maneiras diferentes, como também tem formas diferentes de enfrenta-las. O relacionamento do fisioterapeuta com a morte do paciente, sua influência na vida pessoal e profissional é assimilada de acordo costumes e valores pessoais. O estado psicológico de cada profissional está ligado diretamente a sua subjetividade, ou seja, implica sua formação social e profissional. A maioria é afetada pelo sentimento de empatia e impotência, e atribuem significados diferentes para a morte, e por vezes bem antagônicos como fim ou início de uma outra vida. A análise dos depoimentos revelam a dificuldade em lidar com a morte principalmente através do sentimento de impotência, constata a necessidade de investir na preparação deste profissionais, com um novo olhar sobre a morte. Preparação o esta que deve iniciar na vida acadêmica, e deve permanecer na vida profissional, através de suporte psicológico neste ambiente tão contraditório que o hospital. O presente estudo demonstra que existe a necessidade de ampliar as discussões sobre o fenômeno da morte no ambiente hospitalar e as implicações para os profissionais de saúde como os fisioterapeutas. E estudos que envolvam a psicologia e as ciências biológicas para discutir a dificuldade de enfrentar a morte na sociedade atual.

## REFERENCIAS

- Barbosa AMGC, Massaroni L. 2016. Convivendo com a morte e o morrer. Revista enferm UFPE online, Recife, 10(2): 457-63.
- Ferreira *et al.* 2016. Sobre a morte e o morrer: um espaço de reflexão. Revista Temática Kairós Gerontologia. São Paulo (SP), Brasil.
- Freitas AFSC, Oliveira AS. 2010. Os impactos emocionais sofridos pelo profissional de psicologia frente à morte em contexto hospitalar. Umuarama.
- Gonçalves F. 2007. Conceitos e Critérios de Morte. Revista do hospital de crianças Maria Piano. 16(4): 245-248
- Junior L, Eltink CF. 2011. A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente. Revista J Health SciInst., 29(3): 176-182.
- Magalhães MV, Melo SCA. 2015. Morte e luto: O sofrimento do profissional da saúde, Rev. Psicologia e Saúde em Debate, 1(1): 65-77
- Marques *et al.* 2006. O fisioterapeuta e a morte do paciente no contexto hospitalar: uma abordagem fenomenológica. RevNeurocienc. 14(2): 017-022.
- Martins *et al.* 1999. Reações e Sentimentos do Profissional de Enfermagem Diante da Morte. R.Bras. Enfeml. Brasília. 52(1): 105-117.
- Matos *et al.* 2014. Morte e luto: competências dos profissionais. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas. 10(2): 112-121.
- Rabelo MKO. 2006. Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental: testemunho histórico antropológico. Revista científica da ESPAM. 3(2): 71-84

\*\*\*\*\*